

ANÁLISE DO PERFIL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA DE MINAS GERAIS ATRAVÉS DA MIGRAÇÃO INTRA-INDUSTRIAL E INTER-SETORIAL

Marisa dos Reis A. Botelho^{*}
Marlene Marins C. Borges[♦]

Introdução

As mudanças estruturais verificadas na economia brasileira a partir do início dos anos 90 apresentaram profundos impactos nos grandes setores produtivos, em especial, na indústria. O processo mais geral de liberalização econômica e, em particular, a abertura comercial, determinou mudanças substantivas na especialização industrial e na estrutura patrimonial da indústria brasileira, com o que se verificou, sobretudo, uma tendência de especialização em setores intensivos em trabalho e recursos naturais, bem como maior presença de produtos e produtores estrangeiros.

Estas mudanças foram acompanhadas de profundos impactos no mercado de trabalho, com destaque para a ampliação do desemprego e queda dos rendimentos, em face das estratégias empresariais terem se pautado por ações defensivas de reestruturação produtiva, com a adoção de cortes generalizados de custos especialmente através da externalização de atividades. Os estudos que tentam apreender a natureza das mudanças recentes na estrutura produtiva e no mercado de trabalho brasileiro têm, em geral, demonstrado que o aumento do desemprego, o perfil dos trabalhadores e a queda dos rendimentos estão relacionados com a forma em que as mudanças foram implementadas, em especial em virtude da acelerada e indiscriminada abertura comercial e da ausência de políticas de apoio aos setores produtivos.

A par dessas referências, o objetivo do trabalho é o de avaliar os impactos das mudanças estruturais na estrutura produtiva do estado de Minas Gerais, em termos de alterações inter e intra-setoriais do emprego. Analisa-se, em especial, o processo de migração

^{*} Professora do Instituto de Economia da Universidade Federal de Uberlândia (MG). Doutora em Economia pelo Instituto de Economia da UNICAMP (SP). E-mail – botelhomr@ufu.br

[♦] Economista do Centro de Estudos, Pesquisas e Projetos Econômico-Sociais (CEPES) da Universidade Federal de Uberlândia. Mestre em Desenvolvimento Econômico pelo Instituto de Economia da UFU (MG). E-mail – mmborges@ufu.br

dos trabalhadores desligados e religados da indústria em Minas Gerais nos anos 90, a fim de avaliar o seu perfil e impactos sobre os rendimentos, considerando o emprego segundo o porte da empresa, escolaridade, faixa etária, sexo e remuneração do trabalho.

Na seção 1, são apresentados os lineamentos gerais do processo de reestruturação produtiva na década de 90, com destaque para as mudanças estruturais no que respeita à ausência de uma política norteadora dos rumos do desenvolvimento industrial. Na seqüência mostra-se um quadro genérico da situação atual da indústria brasileira e da indústria de Minas Gerais, considerando a evolução do número de estabelecimentos e as mudanças intra-setoriais em relação ao tamanho, a evolução do emprego com referência ao porte e a evolução dos rendimentos. A parte final apresenta uma análise do processo de migração intra e inter-setorial buscando caracterizar o perfil dos trabalhadores migrantes da indústria em Minas Gerais na década de 90. Para tanto, utilizou-se da base de dados RAIS MIGRA da Indústria – MG no período de 1990 a 2000, o que possibilitou a análise do processo de migração dos trabalhadores da indústria e a obtenção de informações mais detalhadas sobre os efeitos da reestruturação produtiva no rendimento e no perfil – em termos de escolaridade, faixa etária e sexo – dos trabalhadores desligados da indústria que retornaram ao mercado de trabalho no ano seguinte ao do desligamento.

1. Os condicionantes da reestruturação produtiva no Brasil nos anos 90

As recentes mudanças implementadas nos países da América Latina, e no Brasil em particular, tiveram como norte uma maior liberalização econômica, com o que se ampliaram o grau de abertura comercial e de desregulamentação econômica. No caso brasileiro, considerava-se esgotado o modelo de substituição de importações vigente no período anterior e enfatizava-se a mudança de atuação do Estado no processo de industrialização – menos interventor e mais regulador da atividade econômica.

Do ponto de vista do desenvolvimento da indústria, dois períodos podem ser identificados na década de 90. Os anos 1990-92, do governo Collor de Mello, onde se definiu a Política Industrial e de Comércio Exterior (PICE), e os anos subsequentes, onde nenhuma política industrial foi definida e implementada.

No âmbito da PICE, buscava-se, essencialmente, a modernização e reestruturação da indústria com ênfase em mecanismos de mercado.

Conforme Guimarães (1996:16),

"a política industrial e de comércio exterior introduzida em 1990 difere da política vigente nas décadas anteriores por deslocar seu eixo central de preocupação da expansão da capacidade produtiva para a questão da eficiência e da competitividade, contemplando como objetivos prioritários o aumento de produtividade e a redução de custos, a melhoria da qualidade dos produtos e o repasse desses ganhos ao consumidor."

A PICE compunha-se de três programas auxiliares:

- o Programa de Competitividade Industrial (PCI): objetivava a reestruturação das empresas privadas com o sentido de alcançar preços e padrões de qualidade em nível internacional;
- o Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade (PBQP): objetivava a difusão dos modernos métodos gerenciais e organizacionais e ainda o treinamento de recursos humanos;
- o Programa de Apoio à Capacitação Tecnológica da Indústria (PACTI): objetivava a modernização tecnológica em termos de infra-estrutura, de recursos humanos, etc..

Previa-se ainda, no âmbito da PICE, a implementação de uma política de concorrência com o objetivo de rever a legislação antitruste existente e estabelecer novos mecanismos de defesa da concorrência.

Em termos de avaliação crítica da PICE destaque-se, em primeiro lugar, que os dois anos em que vigorou a política econômica do governo Collor foram marcados por uma contradição recorrente entre os objetivos macroeconômicos de curto prazo — notadamente os problemas dos altos índices inflacionários — e aqueles de longo prazo — relacionados com a reestruturação e modernização da economia brasileira. Podem ser citados, como exemplos, a taxa de juros e as questões de ordem fiscal.

Um segundo ponto importante, relacionado ao argumento acima, diz respeito às dificuldades políticas enfrentadas pelo governo Collor, que culminaram no processo de *impeachment* do Presidente em 1992. Tais dificuldades, que se expressavam em relações conflituosas com o Congresso Nacional, retardavam a implementação de medidas definidas pela PICE, especialmente as medidas que eram sujeitas à ação de *lobbies*.

A conjugação desses problemas implicou em não implementação da PICE na sua totalidade. Questões cruciais definidas ao nível da PICE — como o desenvolvimento do aparato de C&T, a melhoria da infra-estrutura, especialmente a de transportes e telecomunicações, e do sistema educacional, entre outros — não chegaram a ser implementadas.

Em suma, pode-se dizer que o estímulo à reestruturação industrial no âmbito da PICE resumiu-se àqueles decorrentes do processo de abertura comercial. Guimarães (1996:19) argumenta que

"O sucesso da política de abertura contrasta, (...), com os avanços modestos observados na

implementação da política de concorrência e da política de competitividade. Essa evolução pouco favorável está associada às dificuldades enfrentadas no âmbito do Estado para definir e implementar uma nova agenda de política industrial. Cabe destacar aqui que as políticas de concorrência e de competitividade, por requererem uma ação articulada e continuada do setor público, diferem de forma significativa da política de liberalização comercial que, enquanto tal, implica exatamente limitar a intervenção do Estado nos fluxos econômicos."

Obviamente, a conjugação de abertura comercial acelerada e praticamente indiscriminada (determinada pela política de competição) e ausência e/ou retardamento do apoio ao desenvolvimento da indústria nacional (política de competitividade) produziu um resultado perverso para a economia nacional¹ (vide os gravíssimos problemas enfrentados por determinados setores industriais, como o têxtil e confecções, calçados e bens de capital). Acrescente-se ainda que não houve uma mudança significativa quanto à questão da importância do desenvolvimento científico e tecnológico para a obtenção de um novo patamar do processo de industrialização.

O período posterior ao abandono da PICE foi marcado pela importância atribuída aos mecanismos de mercado para as mudanças na estrutura industrial. Erber e Cassiolato (1997:39) destacam que

“o fim da PICE assinala o ocaso da agenda desenvolvimentista no âmbito governamental e a completa hegemonia da agenda liberal, com a sua ênfase na estabilização dos preços e nas reformas institucionais que facilitem a ação dos mercados.”

As diversas medidas voltadas para a indústria implementadas a partir de 1994 tinham um caráter defensivo e compensatório, isto é, buscavam fundamentalmente atacar certos efeitos da política macroeconômica, especialmente os decorrentes do câmbio sobrevalorizado e das altas taxas de juros. Pode-se citar, a título de exemplo, as medidas de política direcionadas ao incremento das exportações. Tais medidas — como a eliminação de taxas incidentes sobre as exportações (PIS/PASEP e COFINS), o incremento no financiamento às exportações, entre outros — foram implementadas com o objetivo de minimizar os problemas decorrentes do crescimento do déficit comercial.

Do ponto de vista do processo de reestruturação produtiva, a análise dos anos 90 indica que, em geral, tal processo foi fundamentalmente estimulado pela política de abertura comercial e bastante restrito em relação à totalidade da indústria dado que esteve muito concentrado nas empresas de maior porte, especialmente aquelas com inserção externa.

A esse respeito, o estudo de Tigre *et alli* (2000:219) indica que

¹ "... o período de maturação das medidas promotoras do investimento (e competitividade) é muito mais longo do que aquele associado a medidas para competição." (Suzigan e Villela, 1997:100).

“... as empresas industriais brasileiras, com poucas exceções, não desenvolveram capacitação inovadora própria necessária para entrar em novos mercados. A insuficiente capacitação das empresas nacionais para desenvolver novos processos e produtos, aliada à ausência de políticas industriais de promoção de setores mais intensivos em conhecimento, contribuem para o baixo dinamismo das exportações. A desnacionalização das empresas locais que atuam nos segmentos mais dinâmicos da indústria, acentuada nos últimos anos, agrava esse quadro de dependência e limita as estratégias futuras.”

No tocante à desnacionalização, é importante destacar que, embora seja uma tendência generalizada em todos os setores industriais e em parcela dos serviços, assumiu relevância ímpar na denominada indústria difusora de tecnologia². A participação de empresas estrangeiras, que já era importante, cresceu de 60,3% em 1991 para 86,9% em 1999. No total da indústria, a participação estrangeira que em 1991 era de 36,0%, aumentou para 53,5% em 1999 (Folha de São Paulo, 10/02/2002).

As informações disponíveis indicam que a tendência de ampliação da desnacionalização ocorre em conjunto com o crescimento dos gastos para a incorporação de tecnologias, em detrimento da inversão ampla em pesquisa e desenvolvimento. Ou seja, mantidas as condições atuais, tende a se aprofundar o quadro no qual mesmo as empresas locais mais bem posicionadas, mais que desenvolver capacidade de inovação de fato, mantêm-se na desconfortável situação de adaptação de tecnologias geradas nos países avançados, com limitadas possibilidades de avanços significativos no que se refere à geração local de inovações. O processo de reestruturação e modernização das empresas ao longo dos anos 90 foi viabilizado, em grande medida, pelo significativo crescimento de transferência de tecnologia. A título de exemplo, as remessas ao exterior para transferência de tecnologia passaram de US\$ 209 milhões em 1990 para cerca de US\$ 2.000 milhões em 1999. Tal crescimento decorreu, sobretudo, de mudanças na legislação que objetivaram agilizar e simplificar o processo de transferência de tecnologia (Botelho e Mendonça, 2001).

Também as exportações têm apresentado resultados preocupantes no tocante, em especial, ao seu perfil. Enquanto as exportações concentram-se em produtos agrícolas, semi-manufaturados e industrializados de mais baixo valor agregado, a pauta de importações brasileira apresenta uma participação significativa de bens relacionados à indústria microeletrônica e de telecomunicações. Ademais, os superávits comerciais verificados nos últimos anos deveram-se, em grande parte, à diminuição das importações como decorrência do baixo nível de atividade econômica (IEDI, 2002).

Para as empresas de pequeno porte, a ampliação do acesso às novas tecnologias

² Inclui aeronáutica, automobilística, eletrônica e química fina.

colocou, de um lado, perspectivas positivas de desenvolvimento em função da relativa maior facilidade de aquisição de máquinas e equipamentos modernos. De outro lado, o envolvimento mais sistemático dessas empresas na geração de inovações, como ocorre nos países desenvolvidos, não tem encontrado um ambiente fértil. Além disso, ao não terem condições de acompanhar as inovações tecnológicas e organizacionais, essas empresas ficam cada vez mais expostas à ameaça de concorrentes internacionais que chegam ao país como fornecedoras globais de grandes empresas multinacionais que se instalaram no país. Assim, é visível que mesmo espaços anteriormente abertos às pequenas empresas, por exemplo como subcontratadas, estão se estreitando e dificilmente poderão ser ampliados por estratégias individuais de pequenas empresas isoladas.

Entretanto, as empresas de pequeno porte têm ampliado significativamente a sua participação na estrutura produtiva brasileira, seja em número de estabelecimentos seja na geração de empregos. Esse processo pode ser atribuído, em grande medida, à estratégia de desverticalização de atividades empreendida pelas empresas no seu processo de reestruturação produtiva. Ocorre que a ampliação da participação desse segmento de empresas ocorreu em um ambiente onde não se forjou uma política consistente de apoio, de modo a que suas debilidades estruturais pudessem ser, ao menos parcialmente, superadas (Botelho, 1999).

A ampliação do processo de desverticalização de atividades é um dos fatores que têm contribuído, segundo estudos recentes, para as dificuldades que se apresentam no mercado de trabalho. As mudanças efetuadas pelas empresas, em um ambiente onde predominaram baixas taxas de crescimento econômico, implicaram em redução absoluta do número de postos de trabalho na indústria e tendência à queda dos rendimentos do trabalho. Ademais, as alterações no emprego industrial indicaram perda de participação relativa dos postos de trabalho mais qualificados³. Este fato tem sido associado, principalmente, à ampliação das importações, como parte de uma estratégia de desenvolvimento que privilegiou a inserção externa em detrimento da continuidade da diversificação da estrutura produtiva na direção de bens de mais alto valor agregado.

Na seção seguinte apresenta-se, sucintamente, o quadro geral dos estabelecimentos e empregos na indústria na década de 90, para o Brasil e Minas Gerais. Destaca-se a participação das empresas nas faixas de tamanho dos estabelecimentos e nas faixas salariais

³ Ver, a esse respeito, Pochmann (2001) e Sabóia (2001). De acordo com o trabalho de Sabóia, as ocupações consideradas de alto rendimento e alta escolaridade diminuíram ou mantiveram constantes as suas participações, enquanto verificou-se aumento da participação relativa dos grupos com menor escolaridade e menor rendimento.

com referência ao tamanho de modo a realçar as principais mudanças na estrutura produtiva brasileira.

2. O quadro geral da indústria na década de 90 – Brasil e Minas Gerais

As transformações recentes na estrutura produtiva brasileira caracterizaram-se, entre outros elementos importantes, pela redução absoluta e relativa do número de trabalhadores na indústria, por uma ampliação da participação das empresas de pequeno porte na geração de empregos e ainda por alterações no tocante à remuneração dos trabalhadores na indústria que implicaram em elevação da precarização do mercado de trabalho.

Entre os anos de 1990 e 1999, pouco mais de 900.000 postos de trabalho foram fechados na indústria brasileira. Considerando-se que foram gerados, nesse período, em torno de 1.800.000 empregos no total da estrutura produtiva, constatou-se uma diminuição da participação relativa da indústria e uma ampliação da participação dos setores comércio e serviços. Entre 1999 e 2001, verificou-se um pequeno aumento de empregos na indústria que, entretanto, não reverteu e sequer foi suficiente para estancar a perda de participação relativa desse setor na geração de empregos (Tabela 1).

Tabela 1- Pessoal ocupado por setor de atividade (Brasil – 1990/2001)

	1990		1993		1997		1999		2001	
Indústria	5.918.703	25,51	5.197.399	22,44	5.141.186	21,33	5.014.367	20,06	5.390.932	19,83
Constr. civil	959.341	4,14	890.334	3,84	1.162.076	4,82	1.047.891	4,19	1.132.955	4,17
Comércio	2.979.260	12,84	2.732.735	11,80	3.670.616	15,22	3.937.911	15,76	4.487.004	16,50
Serviços	11.222.186	48,37	10.673.102	46,07	13.105.402	54,36	13.955.693	55,84	15.092.999	55,51
Agropecuária	372.960	1,61	506.334	2,19	995.050	4,14	1.035.374	4,14	1.085.724	3,99
Outros/ignor.	1.746.206	7,53	3.165.123	13,66	30.098	0,12	2.029	0,01	-	-
Total	23.198.656	100	23.165.027	100	24.104.428	100	24.993.265	100	27.189.614	100

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da RAIS, MTE/ FAT

Essas mudanças na estrutura produtiva têm sido acompanhadas por uma tendência de compressão da remuneração média dos trabalhadores ao longo dos anos 90 e início da próxima década. Conforme dados relacionados na Tabela 2, a remuneração média dos trabalhadores na indústria brasileira no ano de 1990 era de 5,79 salários mínimos e no ano 2001 se reduz para 4,77, confirmando uma queda da remuneração média de 21,38%. Este comportamento de redução da remuneração ao longo do período analisado também se verifica nos demais setores da estrutura produtiva do país, com exceção apenas do ano de 1997, que

apresenta uma ligeira recuperação da renda se comparado com o ano de 1993, porém com queda nos anos posteriores.

Tabela 2 - Remuneração média no ano, em salários mínimos, por setor de atividade (Brasil – 1990/2001)

	1990	1993	1997	1999	2001
Indústria	5,79	5,64	6,10	5,34	4,77
Constr. civil	3,96	3,60	4,19	3,91	3,36
Comércio	3,35	2,94	3,54	3,25	2,86
Serviços	6,06	4,99	6,09	5,86	5,28
Agropecuária	2,55	2,23	2,53	2,37	2,11
Outros/ignor.	5,30	4,68	2,00	6,97	-
Total	5,44	4,74	5,46	5,12	4,57

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da RAIS, MTE/ FAT

As mudanças observadas no setor industrial deveram-se, em grande medida, à ampliação do processo de externalização de atividades (“terceirização”) por parte das empresas industriais como uma das estratégias para a redução de custos, o que determinou mudanças importantes intra-indústria – com o aumento da participação das empresas de pequeno porte no total de estabelecimentos e na geração de empregos – e entre os setores – com a ampliação da participação do setor de serviços na estrutura produtiva. Ocorre que, tradicionalmente, as empresas de menor porte tanto no setor industrial como de serviços operam com remunerações mais baixas quando comparadas àquelas existentes nas médias e grandes empresas industriais.

Os dados disponíveis da RAIS, conforme Tabela 3, indicam a existência, no ano de 1990, de 201.508 estabelecimentos industriais, dos quais 95% são identificados como micro e pequena empresa (menos de 100 empregados)⁴. Em 1999, o número de estabelecimentos atingiu 247.855 unidades sendo 96,7% de micro e pequenas empresas (MPEs); em 2001, das 262.207 unidades industriais, o mesmo percentual de 96,7% de MPEs foi verificado.

Embora tenha crescido a participação das empresas de pequeno porte no total de estabelecimentos, quando se analisa o processo de geração de empregos a ampliação da participação das MPEs torna-se mais significativa. Dos 5.918.703 trabalhadores empregados na indústria em 1990, aproximadamente 32% encontravam-se em MPEs; já em 1999, 44,6% do total de 5.014.367 trabalhadores empregavam-se nesse segmento de empresas. Em 2001,

⁴ Adota-se aqui a classificação do SEBRAE para enquadramento das empresas industriais em relação ao porte: 0-19 empregados – microempresa; 20-99 – pequena empresa; 100-499 – média empresa; e, 500 ou mais empregados – grande empresa.

verifica-se situação semelhante dado que 45,3% do total de 5.390.932 trabalhadores encontravam-se em empresas de pequeno porte (Tabela 3).

Tabela 3 - Evolução do número de estabelecimentos e empregados na Indústria segundo o tamanho do estabelecimento (Brasil – 1990/2001)

	1990		1993		1997		1999		2001	
	Estab	Empr								
0 empregado	17.148	-	19.923	-	22.872	-	23.549		24.178	-
De 1 a 4	86.497	183.858	85.851	177.187	102.143	218.575	106.181	227.918	109.948	235.898
De 5 a 9	35.897	237.722	32.450	214.670	43.798	290.058	46.434	307.970	49.417	328.069
De 10 a 19	25.128	341.840	22.858	310.547	30.362	412.880	32.916	447.832	35.981	490.860
De 20 a 49	19.037	581.672	17.182	527.493	21.114	644.004	22.351	681.272	24.996	762.360
De 50 a 99	7.828	544.508	7.383	515.843	8.058	562.745	8.194	571.787	9.019	627.211
Total (1)	191.535	1.889.600	185.647	1.745.740	228.347	2.128.262	239.625	2.236.779	253.539	2.444.398
De 100 a 249	5.801	904.225	5.430	846.555	5.335	829.132	5.176	805.382	5.481	853.319
De 250 a 499	2.371	826.959	2.153	747.964	2.023	699.868	1.928	665.450	1.934	669.488
Total (2)	8.172	1.731.184	7.583	1.594.519	7.358	1.529.000	7.104	1.470.832	7.415	1.522.807
De 500 a 999	1.086	744.257	981	670.303	849	584.281	773	535.765	853	587.508
1000 ou mais	715	1.553.662	549	1.186.837	429	899.643	353	770.991	400	836.219
Total (3)	1.801	2.297.919	1.530	1.857.140	1.278	1.483.924	1.126	1.306.756	1.253	1.423.727
Total	201.508	5.918.703	194.760	5.197.399	236.983	5.141.186	247.855	5.014.367	262.207	5.390.932

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da RAIS, MTE/ FAT

(1) Micro e pequena empresa; (2) Média empresa; (3) Grande empresa

No tocante à remuneração dos trabalhadores, verificou-se, ao longo desse período, uma ampliação da parcela dos trabalhadores que se situam na faixa de rendimento mais baixa, devido à maior participação na geração de postos de trabalho estar vinculada às empresas de menor porte as quais, por sua vez, apresentam remunerações médias menores se comparadas com as empresas de médio e grande porte. Além das empresas de pequeno porte apresentarem remunerações menores se comparadas com as empresas de médio e grande portes, também apresentaram uma redução da remuneração média dos trabalhadores ao longo do período analisado, quando de uma remuneração de 3,56 salários mínimos em 1990, os trabalhadores passaram a receber 3,23 salários mínimos em 2001, significando uma queda de 10,21% (uma exceção foi verificada apenas no ano de 1997) (Tabela 4).

Ademais, manteve-se nesse período, sem alterações significativas, a dualidade no mercado de trabalho – enquanto as empresas com mais de 100 empregados remuneraram os seus empregados com salários acima da média, as MPEs praticaram remunerações abaixo da média geral. No ano de 1990, enquanto a média geral das remunerações foi de 5,79 salários mínimos, as empresas de grande porte pagaram em média 7,64 salários mínimos e as MPEs

pagaram apenas 3,56 salários mínimos, ficando as empresas de médio porte com uma remuneração próxima da média geral. Já no ano de 2001, as empresas de grande e médio porte apresentaram remunerações médias acima da média geral de 4,77 salários mínimos (6,78 e 5,35 salários mínimos, respectivamente) mantendo as MPEs abaixo da média geral, com apenas 3,23 salários mínimos médios. Entretanto, cabe ainda salientar que, embora as remunerações médias das empresas de médio e grande porte apresentem valores acima da média geral e sejam expressivamente maiores que as remunerações médias pagas nas empresas de pequeno porte, também nestes segmentos as remunerações apresentaram comportamento decrescente ao longo do período, conforme dados registrados na Tabela 4.

Tabela 4 - Remuneração média no ano, em salários mínimos, na Indústria segundo tamanho de estabelecimento (Brasil – 1990/2001)

	1990	1993	1997	1999	2001
Até 4 emp.	2,10	2,02	2,67	2,58	2,33
De 5 a 9	2,55	2,45	3,05	2,87	2,56
De 10 a 19	3,05	2,84	3,50	3,25	2,86
De 20 a 49	3,72	3,48	4,20	3,74	3,31
De 50 a 99	4,63	4,28	5,21	4,75	4,13
Total (1)	3,56	3,33	4,02	3,66	3,23
De 100 a 249	5,44	5,26	6,21	5,68	5,08
De 250 a 499	6,10	6,02	7,05	6,24	5,70
Total (2)	5,76	5,62	6,60	5,93	5,35
De 500 a 999	6,46	6,17	7,69	6,85	6,39
1000 ou mais	8,21	8,79	9,14	8,01	7,06
Total (3)	7,64	7,84	8,57	7,53	6,78
Total	5,79	5,64	6,10	5,34	4,77

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da RAIS, MTE/FAT

Em relação ao Estado de Minas Gerais, as mesmas tendências de redução da participação relativa da indústria na geração de postos de trabalho formais no total da estrutura produtiva e diminuição de rendimentos, podem ser identificadas. Entretanto, embora a indústria mineira apresente a mesma tendência de redução da participação relativa na geração de postos de trabalho no país – 1990 era de 23,51% e, em 2001, passou a ser de 19,27% -, diferentemente da indústria brasileira não se constata o fechamento de postos de trabalho ao longo do período analisado. No ano de 1990, a indústria mineira contava com 516.256 postos de trabalho formais e, em 2001, passou a contar com 557.614, representando um aumento de 8,01 % (Tabela 5).

Tabela 5 - Pessoal ocupado por setor de atividade (Minas Gerais – 1990/2001)

	1990		1993		1997		1999		2001	
Indústria	516.256	23,51	476.481	21,91	544.682	21,43	531.325	19,47	557.614	19,27
Constr. civil	119.069	5,42	111.582	5,13	163.784	6,44	144.132	5,28	148.432	5,13
Comércio	287.652	13,10	267.587	12,30	385.823	15,18	433.363	15,88	486.818	16,82
Serviços	1.041.037	47,41	995.349	45,76	1.251.481	49,24	1.417.330	51,95	1.497.294	51,74
Agropecuária	59.471	2,71	78.127	3,59	193.253	7,60	202.267	7,41	203.568	7,03
Outros/ignor.	172.284	7,85	245.805	11,30	2.534	0,10	89	0,00	0	0,00
Total	2.195.769	100	2.174.931	100	2.541.557	100	2.728.506	100	2.893.726	100

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da RAIS, MTE/ FAT

Ao tratar da evolução do número de estabelecimentos e empregos na indústria mineira, segundo o tamanho do estabelecimento, o período também é marcado por uma redução relativa dos estabelecimentos de grande porte e aumento relativo do número de estabelecimentos de pequeno porte. Em 1990, a indústria mineira contava com 24.822 estabelecimentos industriais, dos quais 96,8% eram identificados como micro e pequena empresa. Em 2001, do total de 34.344 empresas industriais existentes, 97,6% encontravam-se nesse segmento das MPEs (Tabela 6).

Os empregos industriais de Minas Gerais também sofreram ampliação maior no segmento das empresas de pequeno porte. Enquanto em 1990 35,8% dos postos de trabalho encontravam-se nas MPEs, no ano de 2001, 50,6% dos trabalhadores encontravam-se empregados em empresas de pequeno porte nesse Estado (Tabela 6).

Tabela 6 - Evolução do número de estabelecimentos e empregados na Indústria segundo o tamanho do estabelecimento (Minas Gerais – 1990/2001)

	1990		1993		1997		1999		2001	
	Estab	Empr								
0 empregado	2.628	-	2.859	-	3.454	-	3.567	0	3.684	-
De 1 a 4	12.100	24.980	11.707	23.518	13.999	29.464	14.971	31.854	15.386	32.681
De 5 a 9	4.265	28.026	3.875	25.559	5.681	37.377	6.164	40.712	6.499	42.950
De 10 a 19	2.631	35.506	2.472	33.388	3.474	47.093	4.015	54.402	4.245	57.677
De 20 a 49	1.812	54.948	1.622	49.846	2.308	69.644	2.470	74.514	2.770	84.028
De 50 a 99	600	41.474	642	44.970	865	60.773	871	60.358	932	65.059
Total(1)	24.036	184.934	23.177	177.281	29.781	244.351	32.058	261.840	33.516	282.395
De 100 a 249	463	72.309	399	62.070	509	77.443	506	77.872	543	84.595
De 250 a 499	187	64.996	186	64.145	191	65.274	172	60.321	179	61.754
Total(2)	650	137.305	585	126.215	700	142.717	678	138.193	722	146.349
De 500 a 999	85	58.454	73	51.949	76	51.678	69	47.224	78	53.892
1000 ou mais	51	135.563	43	121.036	35	105.936	28	84.068	28	74.978
Total(3)	136	194.017	116	172.985	111	157.614	97	131.292	106	128.870
Total	24.822	516.256	23.878	476.481	30.592	544.682	32.833	531.325	34.344	557.614

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da RAIS, MTE/ FAT

(1) Micro e pequena empresa; (2) Média empresa; (3) Grande empresa

Quando se analisa o comportamento da remuneração média dos trabalhadores da indústria em Minas Gerais em relação aos dados apresentados na indústria brasileira, a tendência de queda ao longo do período analisado também pode ser constatada. De acordo com os dados da RAIS, no ano de 1990, a remuneração média dos trabalhadores da indústria em Minas Gerais era de 5,10 salários mínimos e no ano de 2001 passou a ser de 3,87, representando uma redução de 31,78%. Nos demais setores da economia mineira, apenas o setor da construção civil apresenta um percentual de redução nas remunerações acima daquele apresentado na indústria (37,08%), quando se compara a remuneração média dos trabalhadores no ano de 1990 com o ano de 2001.

A precarização do mercado de trabalho pode ser identificada quando se verifica que a remuneração média dos trabalhadores no segmento industrial de menor porte, além de ser significativamente inferior às remunerações médias pagas nos segmentos de médio e grande porte e também inferior à média geral, também demonstrou queda, passando de 2,43 salários mínimos em 1990 para 2,32 em 2001 (Tabela 7). Além disso, os dados também mostram que, ao longo do período, embora as remunerações médias das empresas de médio e grande portes normalmente apresentem valores acima da média geral e sejam expressivamente maiores que as remunerações médias pagas nas empresas de pequeno porte, também nestes segmentos as remunerações médias apresentaram comportamento decrescente ao longo do período.

Tabela 7 - Remuneração média no ano, em salários mínimos, na Indústria segundo tamanho de estabelecimento (Minas Gerais – 1990/2001)

	1990	1993	1997	1999	2001
Até 4 emp.	1,53	1,50	1,89	1,86	1,77
De 5 a 9	1,93	1,87	2,24	2,11	1,91
De 10 a 19	2,19	2,01	2,54	2,40	2,15
De 20 a 49	2,72	2,52	2,88	2,62	2,38
De 50 a 99	3,14	2,79	3,55	3,26	2,92
Total (1)	2,43	2,26	2,76	2,55	2,32
De 100 a 249	4,01	4,07	4,60	4,36	3,81
De 250 a 499	4,69	4,90	5,88	5,29	4,66
Total (2)	4,33	4,49	5,19	4,77	4,17
De 500 a 999	5,50	5,45	5,59	5,11	4,80
1000 ou mais	9,35	9,62	10,04	9,57	8,51
Total (3)	8,19	8,37	8,58	7,96	6,95
Total	5,10	5,07	5,08	4,46	3,87

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da RAIS, MTE/ FAT

O fenômeno da ampliação da participação das empresas de pequeno porte na geração de empregos tem sido atribuído, em diversos estudos, à tendência de externalização de atividades. A opção de externalizar atividades, enquanto estratégia de reestruturação

industrial, foi uma das mais difundidas no Brasil, especialmente no início dos anos 90. A política industrial implementada no início do governo Collor, especialmente o programa de abertura comercial, provocou uma aceleração nos programas de reestruturação das empresas, nos quais a busca de flexibilidade produtiva atuou como elemento indutor da externalização de atividades.

As pesquisas mostram que a estratégia da terceirização difundiu-se entre todos os segmentos de empresas, em especial, entre as grandes empresas. A pesquisa realizada pelo BNDES/CNI/SEBRAE (1996) mostrou que 33% das empresas praticavam a terceirização em médio e alto grau, enquanto para as micro e pequenas empresas esse percentual caía para 23% e 31%, respectivamente.

A externalização de atividades por parte das empresas tem sido apontada como um dos fatores responsáveis pelo aumento da precarização do mercado de trabalho nos anos 90. Como a maior parte das atividades externalizadas é transferida para empresas de menor porte ou para o setor de serviços, a maior precarização decorreria das piores condições de trabalho, em termos principalmente de salários pagos, vigentes nas empresas menores e no setor de serviços. Entretanto, como os estudos sobre esse tema em geral não apresentam dados que permitam identificar de forma mais precisa a relação entre mudanças intra-industriais (com respeito ao porte das empresas) e inter-setoriais e deterioração das condições de trabalho, o objetivo da seção seguinte é o de tentar ilustrar com dados mais precisos esse fenômeno, tendo como referência a situação dos trabalhadores da indústria de Minas Gerais nos anos 90. Utilizar-se-á, para esse fim, a base de dados RAIS - Migra/ MTE/ FAT que permite, através do acompanhamento do trabalhador em sua trajetória no mercado de trabalho formal, identificar o processo de migração no interior da indústria e nos grandes setores da economia.

3. O processo de migração intra e inter-setoriais e os diferenciais de remuneração na indústria em Minas Gerais na década de 90

Diversos são os estudos que têm indicado uma ampliação da precarização do mercado de trabalho sob os efeitos do atual processo de reestruturação produtiva⁵. Em geral, esses estudos destacam que a precarização é resultado, em grande medida, da ausência de políticas públicas norteadoras do desenvolvimento da estrutura produtiva, o que tem resultado na manutenção ou mesmo regressão de um padrão de produção baseado, sobretudo, em produtos

⁵ Pochmann (2000) e Sabóia (2001).

agrícolas e produtos industrializados de baixo conteúdo tecnológico e valor agregado. Ademais, tais mudanças têm ocorrido em um ambiente onde vigoram baixas taxas de crescimento econômico. Os reflexos imediatos sobre o mercado de trabalho têm sido a tendência ao aumento do desemprego (onde os postos de trabalho com remunerações mais elevadas têm sido os mais atingidos) e a diminuição dos rendimentos.

A análise dos dados referentes ao processo de migração de trabalhadores na indústria permite, através de informações mais detalhadas, avaliar de forma precisa à magnitude dos efeitos da reestruturação empreendida pelas empresas, especialmente as de maior porte, sobre o conjunto dos trabalhadores e caracterizar o perfil dos trabalhadores migrantes da indústria em Minas Gerais, através da análise de escolaridade, faixa etária, sexo e rendimentos. Para essa análise, utilizam-se os dados do processo de migração de trabalhadores da indústria de Minas Gerais em três momentos definidos ao longo dos anos 90: 1990-1991, primeiros anos da década, 1994-1995, período de implantação do Plano Real e o final da década, 1999-2000.

Os dados relativos aos anos de 1990, 1994 e 1999 demonstram que a capacidade de absorção dos trabalhadores desligados no setor industrial no Estado de Minas Gerais pelo mercado de trabalho formal⁶ é muito pequena, verificando-se um baixo retorno dos trabalhadores ao mercado formal no ano seguinte ao do desligamento (1991, 1995 e 2000, respectivamente)⁷. De acordo com os dados da Tabela 8, do total de trabalhadores desligados no setor industrial no ano de 1990 (172.856) apenas 78.944 retornam ao mercado de trabalho formal no ano seguinte (45,67%). Comparando-se o retorno dos trabalhadores desligados no ano de 1990 com o retorno dos trabalhadores desligados no ano de 1994, ano da implantação do Plano Real, observa-se que há um pequeno aumento dos retornos no ano seguinte, quando do total de desligados na indústria no ano de 1994 (136.963) retornaram 48,05% trabalhadores para o mercado de trabalho formal, perfazendo um total de 65.809 trabalhadores em 1995. No ano de 1999, verifica-se uma diminuição da relação entre desligados e retornados se comparado com o período anterior, ou seja, dos 147.860 trabalhadores desligados no ano de 1999, 68.523 retornaram ao mercado de trabalho formal em 2000 (46,34%). Portanto, verifica-se um índice de retorno pequeno e sem apresentar tendência de aumento nos três períodos analisados, o que demonstra a baixa capacidade de absorção dos trabalhadores no mercado formal. Em termos de resultados globais, têm-se o aumento da informalização do

⁶ O mercado de trabalho formal compreende as atividades assalariadas dentro de uma estrutura onde os vínculos de trabalho são formalizados através de carteira assinada.

⁷ Neste trabalho, considera-se apenas o retorno no ano subseqüente ao desligamento.

trabalho e a ampliação do tempo de desemprego, características precípuas do mercado de trabalho nos anos 90.

Tabela 8 - Participação dos trabalhadores desligados da indústria-MG que retornaram ao mercado de trabalho formal no ano seguinte (1990/2000)

Ano Desligamento	Total (A) Desligados Indústria	Ano Retorno	Desligados(B) Que Retornaram	% B/A
1990	172.856	1991	78.944	45,67
1994	136.963	1995	65.809	48,05
1999	147.860	2000	68.523	46,34

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da RAIS MIGRA Industria -MG 1989-2000

Ao analisar a migração intersetorial dos trabalhadores na indústria de Minas Gerais, observa-se que dentre os grandes setores da economia que absorveram os trabalhadores desligados da indústria nos anos de 1990, 1994 e 1999, no ano subsequente ao do desligamento, destacam-se o setor industrial e o setor de serviços como os principais absorvedores dos trabalhadores formais desligados no período. Do total de desligados na indústria mineira em 1990 que retornaram ao mercado de trabalho formal em 1991, verifica-se que 50,53% retornaram para o próprio setor da indústria, 20,84% para o setor serviços, 10,99% para o comércio e 8,59% para a construção civil. Dentre os trabalhadores desligados da indústria no ano de 1994 que retornaram ao mercado de trabalho em 1995, observa-se que a indústria se mantém como o setor mais atrativo com 50,89% dos retornados, em segundo lugar o setor serviços com 20,44% e, posteriormente, o comércio e a construção civil com 12,66% e 9,49%, respectivamente. A tendência permanece no ano de 1999, dado que do percentual de desligados que retornaram em 2000, 53,95% o fizeram para a própria indústria, 19,44% para o setor serviços, 13,61% para o comércio e 7,68% para a construção civil (Tabela 9).

Em suma, pode-se afirmar que embora o destaque para a absorção dos trabalhadores desligados do setor industrial no Estado de Minas Gerais seja o próprio setor industrial, é importante ressaltar o papel do setor serviços como um setor que absorve parcela importante destes trabalhadores. Da análise dos sub-setores do setor de serviços que mais empregam os trabalhadores oriundos da indústria, é possível inferir que parcela significativa das atividades absorvedoras de mão-de-obra é ligada à própria indústria. Destaca-se, em todos os anos de retorno, a sub-atividade Serviços Auxiliares de Atividades Econômicas com 15% a 30% de incidência nos anos pesquisados⁸. As demais sub-atividades com incidência de 5% em média

⁸ De acordo com a classificação do IBGE, incluem serviços de locação de mão-de-obra, agências de empregos,

são: Transporte Rodoviário de Passageiros, Transporte Rodoviário de Carga, Alimentação – Restaurantes Lanchonetes e Serviços de Limpeza e Conservação de Casa, dentre outras de menor relevância.

A natureza das atividades acima listadas permite a indicação de que parcela importante dos empregos gerados no setor de serviços é oriunda do processo de externalização de atividades por parte, em especial, das empresas de grande porte.

Tabela 9 - Migração intersetorial dos trabalhadores desligados da indústria-MG que retornaram ao mercado de trabalho (1990/2000)

Grande Setor - IBGE	Desl. Indústria/1990 Retornaram/1991		Desl. Indústria/1994 Retornaram/1995		Desl. Indústria/1999 Retornaram/2000	
	Total	%	Total	%	Total	%
INDÚSTRIA	39.892	50,53	33.490	50,89	36.971	53,95
CONSTR CIVIL	6.783	8,59	6.246	9,49	5.261	7,68
COMÉRCIO	8.677	10,99	8.330	12,66	9.326	13,61
SERVIÇOS	16.453	20,84	13.451	20,44	13.322	19,44
AGROPECUARIA	1.207	1,53	3.674	5,58	3.641	5,31
OUTR/IGN	5.932	7,51	618	0,94	2	0,00
TOTAL	78.944	100,00	65.809	100,00	68.523	100,00

Fonte: Elaboração própria com base em dados da RAIS MIGRA Indústria-MG 1989-2000

Os dados oriundos da base RAIS Migra também permitem uma avaliação da migração intra-setorial, importante para detectar a transferência para segmentos distintos considerando-se o porte das empresas (Tabela 10). Os dados indicam que do total de trabalhadores desligados da indústria em 1990, 1994 e 1999, a maioria retornou para o próprio setor industrial no ano seguinte, mas o retorno ocorreu de forma expressiva para os segmentos de estabelecimentos de menor porte. Esse segmento, além de absorver a maior parcela dos trabalhadores desligados no ano anterior, o fez de forma crescente, passando de 58,58% em 1991 para 60,34% em 1995 e, posteriormente, para 67,04% em 2000. Em paralelo, verifica-se que no segmento das empresas de médio e grande porte há uma redução da absorção destes trabalhadores. Em 1991, a absorção destes trabalhadores nas empresas de médio porte passa de 25,62% para 23,90% em 1995 e para 19,30% em 2000. Seguindo a mesma tendência, em 1991 o percentual de trabalhadores absorvidos pelas empresas de grande porte é de 15,81% em 1995, passando para 15,76% e no ano 2000 o percentual é de apenas 13,66%⁹.

seleção, treinamento de pessoal e outros.

⁹ É necessário considerar que parte das empresas tenha mudado de faixa de tamanho durante o período analisado, em função de demissão de trabalhadores. Entretanto, entende-se que essa ocorrência não é significativa para mudar o sentido da análise dado que as faixas utilizadas como referência são bastante amplas.

A migração para empresas de menor porte também é um elemento indicativo do avanço do processo de externalização de atividades. Esse processo tem levado as empresas a desvincular-se de atividades consideradas não essenciais para a produção principal e tornado as empresas de menor porte as principais receptoras da “terceirização”.

Tabela 10 - Migração intra-setorial dos trabalhadores desligados da indústria-MG (1990/2000)

Tamanho	Indústria											
	Desl/ 90	%	Retor/91	%	Desl/94	%	Retor/95	%	Desl/99	%	Retor/00	%
0 Empregados	6.667	3,86	1.038	2,60	5.694	4,16	642	1,92	10.862	7,35	1.297	3,51
Ate 4	13.494	7,81	3.599	9,02	10.012	7,31	2.879	8,60	15.769	10,66	2.924	7,91
De 5 a 9	12.159	7,03	3.324	8,33	9.615	7,02	3.086	9,21	14.969	10,12	3.817	10,32
De 10 a 19	15.981	9,25	4.343	10,89	13.286	9,70	3.875	11,57	17.660	11,94	5.476	14,81
De 20 a 49	23.087	13,36	6.300	15,79	19.738	14,41	5.754	17,18	23.331	15,78	6.809	18,42
De 50 a 99	18.042	10,44	4.764	11,94	16.627	12,14	3.973	11,86	16.191	10,95	4.463	12,07
Total (1)	89.430	51,74	23.368	58,58	74.972	54,74	20.209	60,34	98.782	66,81	24.786	67,04
De 100 a 249	27.314	15,80	6.080	15,24	22.025	16,08	4.777	14,26	17.702	11,97	4.397	11,89
De 250 a 499	20.907	12,10	4.139	10,38	17.567	12,83	3.227	9,64	11.938	8,07	2.738	7,41
Total (2)	48.221	27,90	10.219	25,62	39.592	28,91	8.004	23,90	29.640	20,05	7.135	19,30
De 500 a 999	15.332	8,87	3.844	9,64	10.779	7,87	2.878	8,59	9.613	6,50	1.363	3,69
1000 ou Mais	19.873	11,50	2.461	6,17	11.620	8,48	2.399	7,16	9.825	6,64	3.687	9,97
Total (3)	35.205	20,37	6.305	15,81	22.399	16,35	5.277	15,76	19.438	13,15	5.050	13,66
TOTAL	172.856	100,00	39.892	100,00	136.963	100,00	33.490	100,00	147.860	100,00	36.971	100,00

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da RAIS MIGRA Indústria-MG 1989-2000

(1) Micro e pequena empresa; (2) Média empresa; (3) Grande empresa

O avanço do processo de externalização de atividades e a consequente maior participação das empresas de pequeno porte na geração de empregos torna necessária à avaliação do perfil destes trabalhadores no que se refere à escolaridade, faixa etária e sexo e também as condições de trabalho, pelo lado da renda, vigentes no novo modelo de organização da produção, marcado por forte migração inter e intra-setorial.

Ao analisar o perfil dos trabalhadores desligados da indústria, no início e final da década de 90, com retorno ao mercado de trabalho no ano seguinte ao desligamento, referente ao sexo e à remuneração média em salários mínimos, verifica-se um pequeno aumento relativo da participação feminina na ocupação de postos de trabalho, passando de aproximadamente 23% no período de 1990-1991 para 25% no período de 1999-2000. Porém, neste mesmo período, este aumento relativo da participação feminina nos postos de trabalho na indústria é acompanhado por uma maior precarização deste trabalho, quando a remuneração média em salários mínimos das mulheres, além de ser inferior às remunerações dos trabalhadores masculinos no período do desligamento e do retorno, são também inferiores

à remuneração recebida pelas mesmas no período do retorno, em relação ao período do desligamento. Ou seja, no ano de retorno dos desligados em 1990, enquanto os homens recebiam uma remuneração média de 2,69 salários mínimos as mulheres recebiam apenas 1,90 s.m., cujo valor também era também inferior à remuneração média recebida pelas mesmas no ano de desligamento que era de 2,40 s.m.. Em 2000, ano de retorno dos desligados em 1999, o mesmo comportamento é observado¹⁰ (Tabela 11).

Tabela 11 - Trabalhadores desligados da indústria-MG em 1990 e 1999, que retornaram ao mercado de trabalho formal em 1991 e 2000, segundo sexo e remuneração média no ano, em salários mínimos

	Desligados em 1990/ Retorno em 1991			Desligados em 1999/ Retorno em 2000		
	Empreg.	Rem.Média no Deslig.	Rem.Média no retorno	Empreg.	Rem.Média no Deslig.	Rem.Média no retorno
Masculino	60.581	3,71	2,69	51.482	3,65	2,72
Feminino	18.363	2,40	1,90	17.041	2,44	1,82
Total	78.944	3,40	2,50	68.523	3,35	2,50

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da RAIS MIGRA Indústria-MG 1989-2000

O perfil dos trabalhadores desligados da indústria, no início e final da década de 90, com retorno ao mercado de trabalho formal no ano seguinte, segundo escolaridade e remuneração, pode ser caracterizado por uma diminuição da participação relativa dos trabalhadores analfabetos e com 1º grau incompleto, passando de 1,96% e 68,11% em 1991 para 1,24% e 50,11% em 2000, respectivamente (Tabela 12). Conseqüentemente, se pode destacar um aumento da participação relativa dos trabalhadores retornados com maior escolaridade no final da referida década. Porém, os dados abaixo mostram que este aumento na participação relativa dos trabalhadores com maior escolaridade, não é acompanhada por um aumento relativo das remunerações. Observa-se que, embora as remunerações médias sejam normalmente maiores para os trabalhadores cuja escolaridade é mais elevada, não se pode negar uma redução relativa das mesmas quando do retorno ao mercado de trabalho, ao se comparar com os valores percebidos pelos trabalhadores no período do desligamento, nos dois períodos analisados.

¹⁰ Os dados referentes à sexo, escolaridade e faixa etária estão apresentados para o início e o final da década, dado que estes aspectos, em geral, não sofrem alterações em períodos curtos de tempo.

Tabela 12 - Trabalhadores desligados da indústria-MG em 1990 e 1999, que retornaram ao mercado de trabalho formal em 1991 e 2000, segundo escolaridade e remuneração média no ano, em salários mínimos

Escolaridade	Desligados em 1990/ Retorno em 1991						Desligados em 1999/ Retorno em 2000					
	Empr	%	Rem. Média90	%	Rem. Média91	%	Empr	%	Rem. Média99	%	Rem. Média00	%
Analfabeto	1.550	1,96	3,31	97,31	2,01	80,28	850	1,24	2,55	76,15	2,02	80,69
1º Grau Incomp	53.769	68,11	2,98	87,60	2,24	89,30	34.338	50,11	2,85	84,99	2,12	84,76
1º Grau Comp	11.578	14,67	3,21	94,23	2,38	94,97	15.078	22,00	3,13	93,45	2,29	91,57
2º Grau Incomp	4.773	6,05	3,81	111,84	2,60	103,72	6.449	9,41	3,03	90,31	2,28	91,37
2º Grau Comp	5.177	6,56	5,91	173,67	3,91	156,14	10.143	14,80	4,93	147,01	3,11	124,50
Superior Incomp	575	0,73	9,05	265,77	5,58	222,88	645	0,94	7,69	229,30	5,04	201,80
Superior Comp	965	1,22	15,96	468,77	9,74	388,84	1.020	1,49	16,97	506,16	12,49	500,16
Ignorado	557	0,71	2,12	62,42	2,16	86,41	-	-	-	-	-	-
Total	78.944	100	3,40	100	2,50	100	68.523	100	3,35	100	2,50	100

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da RAIS MIGRA Indústria-MG 1989-2000

Quando relacionamos os trabalhadores desligados da indústria, no início e final da década de 90 com retorno ao mercado de trabalho no ano seguinte, destacando as características faixa etária e remuneração média em salários mínimos, verifica-se que há uma queda relativa da participação dos trabalhadores jovens na faixa etária de 18 a 29 anos, que retornaram ao mercado de trabalho no ano seguinte ao desligamento, e por consequência tem-se um aumento da participação relativa dos trabalhadores na faixa etária entre 30 a 64 anos. Neste caso particular, o jovem também parece encontrar dificuldades de inserção no mercado de trabalho formal. Referente à remuneração média dos trabalhadores, neste mesmo período, nota-se que o processo de precarização, pelo lado da renda, também pode ser evidenciado. Nos períodos analisados, destaca-se que as remunerações médias dos trabalhadores no ano do retorno são sempre inferiores às remunerações médias do ano do desligamento, independente da faixa etária (Tabela 13).

Tabela 13 - Trabalhadores desligados da indústria-MG em 1990 e 1999, que retornaram ao mercado de trabalho formal em 1991 e 2000, segundo faixa etária e remuneração média no ano, em salários mínimos

Faixa Etária	Desligados em 1990/ Retorno em 1991						Desligados em 1999/ Retorno em 2000					
	Empr	%	Rem. Média90	%	Rem. Média91	%	Empr	%	Rem. Média99	%	Rem. Média00	%
10 a 17	2.597	3,29	1,62	47,53	1,55	61,89	663	0,97	1,47	43,74	1,37	54,78
18 a 29	44.761	56,70	2,97	87,14	2,23	88,98	36.423	53,15	2,72	81,18	2,04	81,56
30 a 49	28.046	35,53	4,43	130,03	3,01	120,23	28.427	41,49	4,24	126,33	2,97	118,75
50 a 64	2.795	3,54	4,52	132,81	2,80	111,84	2.905	4,24	4,96	147,84	3,89	155,76
65 ou Mais	130	0,16	5,65	165,94	2,79	111,26	101	0,15	4,66	138,88	3,96	158,68
Ignorado	615	0,78	2,47	72,49	2,10	83,95	4	0,01	3,99	118,99	5,80	232,08
Total	78.944	100	3,40	100	2,50	100	68.523	100	3,35	100	2,50	100

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da RAIS MIGRA Indústria-MG 1989-2000

É possível demonstrar que este cenário mais geral de compressão da renda, criando diferenciais de salários, também pode ser confirmado quando da análise da mudança de remuneração no processo de migração dos trabalhadores desligados da indústria de Minas Gerais. Ao longo do período analisado, percebe-se que a remuneração média no ano em salários mínimos dos trabalhadores desligados da indústria que retornam ao mercado de trabalho no ano seguinte é marcada por uma tendência de redução. O total dos trabalhadores desligados da indústria em 1990 que retornou ao mercado de trabalho no ano seguinte contava com uma remuneração média de 3,40 salários mínimos no ano do desligamento (1990) e passou a contar com uma remuneração média no ano seguinte de 2,50 salários mínimos quando do retorno ao mercado de trabalho¹¹, perfazendo uma queda de 36,0%. No ano de 1994, os desligados que retornaram ao mercado de trabalho no ano de 1995 também sofreram redução de 34,7% na remuneração no ano em que retornaram ao mercado de trabalho. No período posterior, o comportamento da remuneração é semelhante, ou seja, os trabalhadores que foram desligados em 1999 e retornaram ao mercado de trabalho em 2000 receberam, em média, uma remuneração que implicou em redução salarial de 34,0% (Tabela 14).

Tabela 14 - Remuneração média no ano, em salários mínimos, dos trabalhadores desligados da indústria-MG que retornaram ao mercado de trabalho (1990/2000)

	Total Trabalhadores (A)	Rem. Média no Ano do Desligamento (B)	B/A	Rem. Média no Ano do Retorno (D)	D/A
Desligados1990/Retorno1991	78.944	268.697,51	3,40	197.716,24	2,50
Desligados1994/Retorno1995	65.809	257.911,89	3,92	191.464,53	2,91
Desligados1999/Retorno2000	68.523	229.718,37	3,35	171.177,90	2,50

Fonte: Elaboração própria com dados da RAIS MIGRA Indústria-MG 1989-2000

Portanto, soma-se a baixa capacidade de absorção de trabalhadores desligados da indústria no mercado formal (Tabela 8) à vigência de rendimentos menores daqueles trabalhadores que retornam ao mercado de trabalho, o que permite delinear um quadro de ampliação da precarização do mercado de trabalho, tendo como referência as informações do estado de Minas Gerais na década de 90. Conforme argumentado anteriormente, todo este processo de redução da remuneração dos trabalhadores encontrada, nesta realidade específica, está vinculada à uma realidade mais geral de precarização do mercado de trabalho.

Os dados da Tabela 15 permitem uma análise da situação descrita de forma ainda mais detalhada ao possibilitar a mensuração do comportamento das remunerações quando da

¹¹ O retorno aqui leva em conta a migração para a indústria e demais setores da economia.

migração intersetorial dos trabalhadores. Embora a remuneração média do total dos trabalhadores desligados na indústria em 1990 que retornaram ao mercado de trabalho em 1991, migrando para o setor serviços e para a própria indústria (2,59 e 2,65 salários mínimos, respectivamente) tenha sido ligeiramente superior à média total (2,50 s.m), ainda continuaram abaixo da remuneração no período do desligamento.

No período seguinte, o destaque para as remunerações médias superiores à média geral é dado agora pela indústria (3,28 s.m., contra média geral de 2,91 s.m.). Já no período mais recente, levando em conta os trabalhadores desligados da indústria em 1999 que retornaram ao mercado no ano 2000, novamente a indústria e os serviços se destacam com remunerações acima da média total nos anos de retorno. Porém, mesmo que ao longo dos períodos analisados alguns setores tenham apresentado remunerações superiores à remuneração média total do período de retorno (1991, 1995 e 2000), não se pode deixar de novamente fazer referência à Tabela 14 que, além de demonstrar uma baixa remuneração média dos trabalhadores migrantes, também mostrou uma significativa redução da mesma quando do retorno dos trabalhadores ao mercado de trabalho nos anos seguintes ao do desligamento.

Tabela 15
Remuneração média no ano, em salários mínimos, dos trabalhadores desligados da indústria-MG que migraram para outros setores (1990/2000)

	Desl.Indústria/1990 Retornaram/1991			Desl.Indústria/1994 Retornaram/1995			Desl.Indústria/1999 Retornaram/2000		
	Total (A)	Rem./ 91(B)	B/A	Total (A)	Rem./95(B)	B/A	Total (A)	Rem./00(B)	B/A
INDÚSTRIA	39.892	103.457,72	2,59	33.490	109.851,37	3,28	36.971	98.348,87	2,66
CONSTR CIVIL	6.783	16.727,84	2,47	6.246	16.990,41	2,72	5.261	13.172,83	2,50
COMÉRCIO	8.677	18.053,08	2,08	8.330	18.365,74	2,20	9.326	18.825,86	2,02
SERVIÇOS	16.453	43.630,86	2,65	13.451	37.087,08	2,76	13.322	34.380,38	2,58
AGROPECUARIA	1.207	2.335,13	1,93	3.674	7.790,36	2,12	3.641	6.444,69	1,77
OUTR/IGN	5.932	13.511,61	2,28	618	1.379,57	2,23	2	5,27	2,64
TOTAL	78.944	197.716,24	2,50	65.809	191.464,53	2,91	68.523	171.177,90	2,50

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da RAIS MIGRA Indústria-MG 1989-2000

Fez-se referência aos estudos que têm indicado os efeitos negativos sobre o mercado de trabalho do processo de externalização de atividades por parte das empresas, dado que a maior parte das atividades externalizadas são transferidas para empresas de menor porte, onde vigoram piores condições de trabalho em termos, principalmente, de remunerações. Os dados apresentados na Tabela 16 ilustram esse fenômeno, pois permitem verificar que a remuneração intra-setorial (trabalhadores desligados da indústria que retornaram ao mercado de trabalho para a própria indústria) segundo o porte das empresas apresenta queda. Além de

se constatar uma redução geral das remunerações médias quando do retorno ao mercado de trabalho (1991, 1995 e 2000) dentro do mesmo tamanho de estabelecimento, também se verifica uma redução da remuneração média nas empresas de pequeno porte, no ano do retorno, se comparado com a média total geral da remuneração no mesmo período. Vale dizer, a remuneração média dos trabalhadores desligados da indústria em 1990 que retornaram para empresas de pequeno porte em 1991 receberam uma remuneração média no ano do desligamento de 2,73 salários mínimos e passaram a receber no ano do retorno (1991) uma média de 2,10 salários mínimos, ficando abaixo da remuneração média total geral (2,59 s.m.) e muito abaixo da média das remunerações dos segmentos de médio e grande porte (3,08 s.m. na média empresa e 3,65 s.m. na grande empresa). Quando se observa as remunerações médias dos desligados e retornados na indústria, ainda dentro das empresas de pequeno porte, nos períodos 1994-1995 e 1999-2000, a tendência é semelhante à do período anterior, dado que a remuneração recebida no período do retorno é sempre inferior à do ano do desligamento, à média geral das remunerações e às médias de remuneração vigentes nas médias e grandes empresas.

Tabela 16 - Remuneração média no ano, em salários mínimos, dos trabalhadores desligados da Indústria-MG que realizaram migração intra-setorial segundo porte da empresa (1990/2000)

Tamanho	Indústria											
	REM./90	%	REM/ 91	%	REM/94	%	REM/ 95	%	REM/ 99	%	REM/ 00	%
0 Empregados	1,97	57,2	1,79	68,8	2,73	69,4	2,21	67,4	6,88	206,3	6,74	253,3
Ate 4	2,29	66,5	1,74	67,1	2,62	66,8	1,85	56,3	2,38	71,3	1,80	67,6
De 5 a 9	2,18	63,3	1,82	70,2	2,80	71,4	2,09	63,9	2,41	72,4	1,86	70,0
De 10 a 19	2,66	77,3	2,00	77,2	3,14	79,9	2,20	67,2	2,61	78,4	2,04	76,7
De 20 a 49	3,17	92,2	2,25	86,8	3,23	82,3	2,46	74,8	2,76	82,9	2,10	78,9
De 50 a 99	3,11	90,3	2,50	96,5	3,68	93,8	3,02	92,1	3,06	91,9	2,25	84,6
Total (1)	2,73	79,4	2,10	80,8	3,13	79,8	2,37	72,2	2,90	87,0	2,28	85,9
De 100 a 249	4,51	131,0	2,88	111,0	4,08	104,0	3,30	100,7	3,53	105,8	2,72	102,3
De 250 a 499	4,17	121,2	3,38	130,2	4,37	111,3	3,79	115,6	4,23	126,9	3,38	126,9
Total (2)	4,37	127,0	3,08	118,7	4,20	106,9	3,50	106,7	3,80	113,9	2,97	111,8
De 500 a 999	4,09	118,8	2,99	115,2	8,23	209,7	8,57	261,2	4,27	128,0	3,36	126,4
1000 ou Mais	5,30	153,8	4,69	180,9	4,53	115,4	3,88	118,2	5,01	150,2	4,32	162,5
Total (3)	4,56	132,5	3,65	140,8	6,55	166,8	6,43	196,2	4,81	144,2	4,06	152,8
TOTAL	3,44	100,0	2,59	100,0	3,93	100,0	3,28	100,0	3,33	100,0	2,66	100,0

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da RAIS MIGRA Industria-MG 1989-2000

(1) Micro e pequena empresa; (2) Média empresa; (3) Grande empresa

Considerações finais

Os dados analisados neste trabalho permitem identificar, pelo lado da migração e dos rendimentos dos trabalhadores na indústria de Minas Gerais, a tendência de crescente precarização do mercado de trabalho brasileiro ao longo da última década. A análise dos impactos da reestruturação sobre o mercado de trabalho e dos diferenciais de salários na indústria, a partir especialmente das referências da indústria de Minas Gerais, indica que o atual modelo de desenvolvimento industrial não trouxe benefícios para o conjunto dos trabalhadores. No estudo efetuado, verificou-se diminuição dos rendimentos dos trabalhadores, especialmente em função da ampliação da participação relativa das empresas de pequeno porte e do setor de serviços na geração de empregos, e uma baixa absorção no mercado formal dos trabalhadores desligados da indústria. Verificou-se também que a ampliação da participação das mulheres no mercado de trabalho ocorreu de forma a ratificar a histórica diferença salarial com trabalhadores do sexo masculino. Outro aspecto importante indicado pelos dados analisados relaciona-se com a escolaridade dos trabalhadores. A maior escolaridade apresentada no retorno ao mercado de trabalho não foi acompanhada de aumentos salariais, o que desqualifica uma visão recorrente sobre o mercado de trabalho brasileiro, qual seja, a de que os salários são baixos porque os trabalhadores apresentam baixa escolaridade.

Os dados apresentados ilustram, em suma, o já conhecido quadro do mercado de trabalho brasileiro nos anos 90: aumento do desemprego, aumento da informalização e queda geral dos rendimentos.

A opção pela não intervenção nos rumos do desenvolvimento industrial, a abertura comercial acelerada e a vigência de baixas taxas de crescimento econômico resultaram em uma estrutura produtiva incapaz de propiciar melhorias para o mercado de trabalho. A diminuição dos postos de trabalho mais qualificados pode ser explicada, em grande medida, pela perda de participação relativa dos setores tecnologicamente mais avançados e pelo crescimento substancial das importações (especialmente de produtos de alto conteúdo tecnológico). Por sua vez, a diminuição dos rendimentos dos trabalhadores esteve intrinsecamente vinculada às baixas taxas de crescimento econômico vigentes no período, ao crescimento do desemprego e ao avanço da externalização de atividades, em especial pelas grandes empresas.

No período analisado, a maior participação das empresas de pequeno porte e do setor de serviços na geração de empregos reforçou a dualidade do mercado de trabalho, mantendo

os diferenciais de salários intra-indústria e inter-setores produtivos. Os segmentos que ampliaram a participação relativa na geração de empregos foram, sobretudo, aqueles que operam com as remunerações mais baixas em função das suas características estruturais.

Referências Bibliográficas

- BNDES, CNI e SEBRAE. *Qualidade & Produtividade na Indústria Brasileira*, Rio de Janeiro, 1996.
- BOTELHO, M.R.A. (1999). *Políticas de Apoio às Pequenas Empresas Industriais no Brasil: Uma Avaliação a Partir da Experiência Internacional*. Tese de Doutoramento, IE/UNICAMP, Campinas.
- BOTELHO, M.R.A. e MENDONÇA, M.M. As políticas de apoio à geração e difusão de tecnologias para as pequenas e médias empresas no Brasil. *Série Desarrollo Productivo*, nº 127, CEPAL, Chile, 2002. Disponível no site www.eclac.org/publicaciones/
- ERBER, F. e CASSIOLATO, J.E. Política industrial: teoria e prática no Brasil e na OCDE. *Revista de Economia Política*, vol. 17, nº 2 (66), abril-junho, 1997.
- GUIMARÃES, E.A. A Experiência Recente de Política Industrial no Brasil: Uma Avaliação. *Texto para Discussão* no. 409, IPEA, Brasília, Abril de 1996.
- IEDI, *As Importações Brasileiras no período 1995/2002*, São Paulo, 2002. Disponível no site www.iedi.org.br.
- RAIS - Relatório Anual de Informações Sociais, Ministério do Trabalho/ FAT, 1990-2001.
- RAIS MIGRA Indústria –MG, Ministério do Trabalho/ FAT, 1989-2000.
- SABÓIA, J. Emprego industrial no Brasil: situação atual e perspectivas para o futuro. *Revista de Economia Contemporânea*, vol. 5, número especial, Rio de Janeiro, 2001.
- POCHMANN, M. *O trabalho sob fogo cruzado: exclusão, desemprego e precarização no final do século*. Ed. Contexto, São Paulo, 2000.
- TIGRE, P. B., CASSIOLATO, J. E., SZAPIRO, M. H.S. e FERRAZ, J. C. Mudanças institucionais e tecnologia: Impactos da liberalização sobre o sistema nacional de inovações. BAUMANN, R. *Brasil – Uma Década em Transição*, Ed. Campus/CEPAL, Rio de Janeiro, 2000.
- SUZIGAN, W. e VILLELA, A.V. *Industrial Policy in Brasil*. Instituto de Economia/ UNICAMP, Campinas, 1997.